

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: 502

Data 08/10/88 Pg.: _____

Funai justifica os indicadores de indianidade

BRASILIA (Sucursal) — Os “indicadores de indianidade” estão sendo elaborados “para que a Funai tenha instrumentos aprimorados na defesa dos índios. A intenção não é usá-los contra os índios, para lhes negar a identidade, pois nunca se pode negar a identidade indígena de Marcos Terena, por exemplo. Por mais que ele esteja aculturado, ele sempre será índio”.

Esta foi a explicação dada ontem pela Funai, respondendo às críticas feitas pelas antropólogas Eunice Durham, presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e Lux Vidal, da Universidade de São Paulo, através da “Folha”.

De acordo com as explicações da Funai, a intenção do órgão tutor foi a de “ampliar os atuais indicadores utilizados pelos antropólogos, que se baseiam apenas nos dados étnicos e históricos. Consideramos esses dois indicadores insuficientes, e por essa razão a Funai decidiu ampliá-los. Com os novos indicadores, a partir do momento em que a Funai disser quem é índio, ela assumirá totalmente a tutela e ninguém poderá contestar. Esses indicadores são uma previsão para o futuro, para quando este País tiver 200 milhões de habitantes e os fazendeiros reclamarem dizendo que determinada comunidade não é indígena. Nós teremos condições de dizer que é, e assumir a indianidade do grupo ou do indivíduo”.

Observam ainda os técnicos da Funai que o estudo dos indicadores é parte de um trabalho maior, dividido em seis etapas. “Esta é a primeira etapa. O trabalho ainda não está pronto e não se deve criticar o que ainda não está pronto. Por enquanto, este documento é de circulação interna da Funai”, afirmam os técnicos do órgão tutor, que se recusam a aceitar a terminologia usada pela comunidade de antropologia, que se refere ao estudo como “critérios de indianidade”, enquanto a Funai usa o termo “indicadores de indianidade”.

DESCONFIANÇA

Acreditam os técnicos da Funai que as acusações feitas pelas antropólogas decorrem da “falta de confiança no órgão tutor. Elas não confiam na Funai e pensam que nós somos capazes de atitudes idênticas as que elas poderiam tomar se estivessem aqui”.

Quanto à denúncia de que os critérios de indianidade não merecem crédito científico, por não terem sido elaborados por antropólogos, afirma a Funai que “o primeiro levantamento foi feito pela antropóloga Diana Mota” e que, neste caso, “nada se pode reclamar”.

A Funai discorda ainda da opinião de Lux Vidal e Eunice Durham, segundo a qual o índio é todo indivíduo que se diz índio e é reconhecido como tal. “Não podemos aceitar isso, diz a Funai, porque daqui a pouco muita gente vai se dizer índio só para ser protegido pela Funai”.

Os assessores da presidência do órgão, bem como os técnicos da Funai, dizem ainda que “é preciso tranquilizar todo mundo, pois não vamos usar os indicadores contra os índios, contra as lideranças. Marcos Terena, Mário Juruna, por exemplo, serão sempre índios e não podemos negar isso”.

Os critérios de indianidade já foram empregados para identificar os índios Guarani, de Ocoi, no Paraná, os Wassu, e Tingui de Alagoas, e segundo a Funai, “serão usados todas as vezes em que for reclamada a identidade de um grupo ou de um indivíduo”.

Finalmente a Funai afirma que a ABA deveria “ter compromisso com a cultura brasileira, com a identidade cultural, com uma cultura nacional brasileira. Deveria colaborar para dirimir as dúvidas e ambiguidades do Estatuto do Índio, cuidar do Brasil, pois do índio quem cuida é a Funai”.